



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

De Cracóvia a S. Petesburgo

Guilherme d'Oliveira Martins

Para citar este documento / To cite this document:

Guilherme d'Oliveira Martins, "De Cracóvia a S. Petesburgo", *Colóquio/Letras*, n.º 175, Set. 2010, p. 103-109.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

De Cracóvia a S. Petersburgo

NOTAS

VENHO A CRACÓVIA SEMPRE COM GOSTO. É uma cidade acolhedora, com pessoas afáveis e hospitaleiras. Um grande amigo, Jacek Wosniakowski, professor de História de Arte, espírito livre, companheiro do Cardeal Woytila, primeiro presidente da Câmara de Cracóvia depois de 1989, ensinou-me a ter uma especial ternura pela cidade e por tudo o que lhe diga respeito. Desta vez não pude vê-lo, mas estive na «sua» Villa Decius, com Danuta Glondys, recordando as reflexões e os ensinamentos de uma das grandes referências culturais da Europa do fim do século. Nos últimos anos houve uma alteração no movimento das ruas, na multiplicação de iniciativas culturais e artísticas. É cada vez mais fácil chegar a Cracóvia, e vale sempre a pena visitar a cidade, de gente requintada e acolhedora. E na relação com os portugueses há uma referência que não pode ser esquecida, é que os povos indo-europeus, célticos, que aqui se fixaram e deram nome à região (Galícia) são certamente os mesmos que vieram até ao noroeste da Península Ibérica. Daí a empatia natural. Sentimos, de facto, que há um apelo antigo que vem da noite dos tempos e que leva a sentirmo-nos próximos.

*

A cidade plana aconselha as caminhadas. Depois de descermos do castelo, encontramos-nos na Rua dos Cónegos. Pela tarde, os turistas acotovela-se e têm de se afastar à passagem das carruagens puxadas a cavalos. Passamos pela inconfundível igreja jesuítica de S. Pedro e S. Paulo, por Santo André e chegamos a Rynek Glówny, a maior praça europeia, com o velho mercado de panos ao centro e a basílica de Maria Santíssima (Mariacki), construída pelos burgueses da cidade, com duas torres de 81 e 69 metros, onde de hora a hora soa um toque de clarim, que quase passa despercebido, tal a algazarra da multidão. Se a catedral invoca a monarquia, a basílica proclama a importância do burgo e

dos seus comerciantes: nártex barroco, vitrais do século XIV, intervenções de estilo otoniano (Sacro-Império), decoração arte nova. Os estilos misturam-se e completam-se, mas todas as atenções vão para a extraordinária obra de Veit Stoss, o maior retábulo gótico existente na Europa, com figuras que atingem os 2,70 metros de altura, realizado entre 1477 e 1489, em madeira de carvalho e tilia — que representa a Dormição, a Assunção e a Coroação de Maria. As cinco máquinas retabulares constituem o fulcro dos altares-mores. Sobre o tema, tenho no meu caderno duas páginas repletas de notas minuciosas, mas só cito o sublinhado — o movimento é fantástico, a agitação dos apóstolos parece dever-se à visão simultânea que têm de vários tempos, o dos céus e o da terra. A sublimidade da peça, que recorda a reflexão sobre o tempo de Santo Agostinho, deve apreender-se em reservado silêncio.

O cosmopolitismo de Cracóvia é marcante. Objectos e memórias associam-se. O astrolábio árabe de 1054; a Biblioteca do Collegium Maius; a referência de Justus Decius, secretário do rei Segismundo e amigo de Desidério Erasmo e de Martinho Lutero; os ensinamentos do rabino Mojzesz Isserles (Remuh); o mecenato dos Czartoryski (a quem se deve o Museu de Arte, onde vimos a *Dama do Arminho*, de Leonardo, e *Paisagem com Samaritano*, de Rembrandt); a grande poesia de Adam Mickiewicz; as sinagogas do bairro judeu de Kazimierz, de raízes antiquíssimas (do século X e depois do século XV, com a chegada dos sefarditas peninsulares); as primeiras leis de protecção do património cultural no alvor do século XIX na República de Cracóvia; a presença bem próxima do Cardeal Woytila, o papa João Paulo II — tudo isso podemos recordar, calcorreando as ruas da cidade e gozando as margens verdejantes do Vístula. E ficaria incompleta a visita se não recordássemos, com sentimento de gratidão, o conde Atanazy Raczyński (1788-1874), autor de duas obras fundamentais sobre a História da Arte portuguesa: *Les Arts en Portugal — Lettres adressées à la Société Scientifique de Berlin et accompagnées de documents*, 1846, e *Dictionnaire historique-artistique du Portugal*, 1847 (ambos disponíveis na Internet). As obras são extraordinárias pela minúcia e rigor e abriram novos horizontes na historiografia. A caminho de Moscovo levamos a boa memória de um polaco que encontrou a nossa cultura.

*

Nos painéis de azulejos da Graça Morais, que visitámos, há rostos de gente comum, de uma beleza e de uma simplicidade tocantes, que contrastam com as representações dos operários e dos camponeses, dos soldados e dos marinheiros, com as foices e os martelos e as estátuas épicas. Há, no fundo, nestes azulejos um apelo à humanidade e a Moscovo, como uma cidade diferente, de pessoas concretas, de uma Europa que não poderemos esquecer e que tem

uma especificidade muito própria. Chegados a Moscovo, entrados no Hotel Metropol, ingressamos num outro mundo. Não esquecemos que o Metropol foi um dos estabelecimentos de luxo que albergaram após a revolução de 1917, por falta de edifícios condignos numa cidade já esquecida de ter sido capital, o governo bolchevique de Vladimir Ilitch Ulianov, Lenine. A cidade é uma metrópole relativamente recente. As primeiras referências dos cronistas datam do ano em que Lisboa estava a ser conquistada aos mouros (1147). A criação do burgo deveu-se nesse século XII à iniciativa de Yuri Dolgoruki, filho do grão-duque de Kiev, Vladimir Monomarkh, e as fortificações do Kremlin na colina de Borovitskii datam do século XVI. O calor do Sul da Polónia cedeu lugar a um tempo mais instável nesses primeiros dias de Setembro. Depois de um jantar acolhedor, na monumental sala de jantar do hotel, passeámos nas imediações da Praça Vermelha e em frente ao Teatro Bolshoi. Uma ligeira e quase imperceptível chuva miudinha não nos perturba o passo e é passageira. A imponente estátua equestre de Georgy Zhukov recorda-nos o herói da batalha de Moscovo, de 1941, momento crucial da última guerra. Mas em Moscovo o que se discutia era a crise da Geórgia. Nos dias em que estivemos na cidade houve um corrúpio de líderes políticos. Negociava-se a concretização de um *modus vivendi* que permitisse a retirada de tropas russas da Geórgia, apesar do incómodo reconhecimento da independência da Abecásia e da Ossétia do Sul. E sentimos que as intenções imperiais regressam por fidelidade à História.

O sol espreita timidamente, por entre castelos de nuvens. De manhã, iniciamos a jornada com o render da guarda junto ao túmulo do soldado desconhecido. Os soldados muito jovens concedem-nos o seu melhor passo de ganso. O Kremlin de Moscovo é, de facto, o símbolo do tal império que procura recuperar o prestígio antigo. As muralhas vermelhas servem tantas vezes de cenário de fundo a muitas crónicas de jornalistas especializados e a passagens de romances de espionagem do tempo da guerra fria. Historicamente, esta edificação está associada a Ivan, o *Terrível* (1530-1585), que a guia, cuidadosamente, designa como *temível*, como mandam as boas regras. Recordasse nas muralhas vermelhas a conquista do canato de Kazan (1552), última reminiscência da Horda de Ouro e do fim das glórias do povo tatar. Junto do canhão monumental de Ivan, recordámos a misteriosa e arrepiante morte de Demétrio (Dimitri), último filho e herdeiro possível de Ivan. Entre a responsabilidade de Boris Godunov e a hipótese de um acidente com uma estranha brincadeira de facas, tudo fica em aberto, num mar de dúvidas, neste tema funesto que tem entusiasmado historiadores e artistas.

*

António Quadros, no seu ainda utilíssimo *Uma Visita à Rússia. Impressões e Reflexões* (1969), afirma recordar «as multidões sorumbáticas e caladas com que me acotovelei [...] no metro de Moscovo, no Gum (grandes armazéns), na Exposição dos Progressos Soviéticos. Recordo os sonhos, as aspirações, as exaltações, as euforias e a animação dialéctica dos livros de Gogol, Dostoievsky, Tolstoi ou Tchekov. Total desfasagem. No entanto, o povo russo sabe recolher-se nostalgicamente na sua ‘ducha’ (a alma individual), faz sentir o seu espírito religioso nas tão belas melodias folclóricas que continua a cantar [...]. Acorre às manifestações artísticas, ainda que estas sejam quase sempre muito convencionais — e é capaz de produzir na clandestinidade, obras de génio e liberdade, como *O Mestre e Margarida*, *Doutor Jivago* ou *O Primeiro Círculo*». A desfasagem começa, no entanto, a desaparecer com a abertura de fronteiras. Premonitoriamente, à distância de quarenta anos, o ensaísta soube captar o essencial de uma sociedade que estava apta a renascer, pelas suas raízes. Sentimo-lo nos dias de hoje. O espírito da abertura de horizontes vai regressando. A pujança artística multissecular, a criação literária e filosófica, a capacidade de ver o que é realmente importante não esmoreceram, como olhámos no Museu Pushkin, pela clarividência dos grandes coleccionadores do princípio do século xx (como Shchukin e Morozov, que apoiaram todas as novas tendências da melhor arte europeia, até Matisse e Picasso). E ao sair de Moscovo, com a pintura moderna do Museu Pushkin nas retinas, passamos pela casa do grande coleccionador Morozov — e, para os que desconheciam, aí está uma surpreendente homenagem ao Portugal romântico e revivalista do neomanuelino e de Monserrate... Curiosíssima e paradoxal ligação simbólica.

*

Agora rumamos a norte. S. Petersburgo é uma cidade intencionalmente espectacular. Foi construída por Pedro, *o Grande*, com um duplo objectivo, o de aproximar o povo russo da Europa e do cosmopolitismo e o de impressionar como capital de um império de tipo novo.

Esta é a cidade de Dostoievsky. Sentimos a cada passo o cenário de muitos dos seus textos e dos seus testemunhos pessoais. «Era uma noite divina, uma noite que só pode haver, querido leitor, quando somos jovens» — lemos no início de *Noites Brancas*. A espiritualidade que nos transmite e a tensão pessoal que nos descreve situam-se neste ambiente de uma cidade do Báltico, em que se projecta uma civilização com as influências bizantina, eslava e norte-europeia. Mas também ouvimos Nikolai Gogol dizer: «Não há nada melhor que a Avenida Nevski, pelo menos em Petersburgo; ela é tudo para esta cidade. Não há esplendor que não brilhe nesta artéria, beldade da nossa capital». Pela manhã, assistimos em S. Nicolau aos ofícios religiosos ortodoxos, numa litur-

gia de grande aparato (com especial cuidado posto nos cânticos), inspiradora de nítido fervor religioso. Na catedral de Santo Isaac (em honra do onomástico de Pedro, *o Grande*, nascido em 30 de Maio de 1672) deparamos com uma das quatro maiores cúpulas da cristandade, ao lado da de S. Pedro, em Roma, da de S. Paulo, em Londres, e da de Santa Maria das Flores, em Florença. O arquitecto francês Montferrand fez edificar, ao longo de quarenta anos (até 1858), um templo ortodoxo em estilo ocidental (que contrasta com a contemporânea catedral do Sangue Derramado) com ícones em mosaico policromado, frescos na cúpula e imponentes colunas de lápis-lazúli e de malaquita. A cúpula metálica de um dourado inconfundível, bem visível do nosso quarto do hotel, levou Théophile Gautier a dizer «c'est le plus beau des temples modernes». No período soviético foi apeada a pomba do Espírito Santo da cúpula e instalado um gigantesco pêndulo de Foucault para acompanhar o movimento de rotação da terra.

*

«A ideia mestra da minha vida é a ideia do homem, do seu rosto, da sua liberdade criadora e da sua predestinação criadora. Mas tratar do homem é já tratar de Deus. Isso é essencial para mim.» Lembrei esta afirmação de Berdiaeff (1874-1948), o celebrado filósofo russo, nas margens do Neva. Nesta cidade viveu no início do século XX, vindo de Kiev, como Lev Chestov, apaixonado pela modernidade do espírito e pela necessidade de compreensão das raízes da tradição cultural russa. E recordei ainda a sua «ideia russa» de cultura, retomada por Soljenitsin, que ligava a espiritualidade à existência e à vida. Por isso, «a Verdade implica a actividade do espírito do homem, o conhecimento da Verdade depende dos graus de comunidade que podem existir entre os homens, da sua comunhão no Espírito» (cf. *Cinco Meditações sobre a Existência*, tradução de Ana Hatherly, Guimarães Editores, 1961). Em S. Petersburgo, sentimos que a força da cultura está latente, está viva a presença contraditória e tensa do autor de *Os Irmãos Karamazov* e percebemos que a abertura de fronteiras fez regressar a densidade criadora e a força espiritual que representam a vitalidade da cultura russa, que volta a merecer atenção, não já como fenómeno excepcional ou clandestino, mas como expressão de uma vida que mergulha as suas raízes numa cultura antiga, que abriu as portas a Tolstoi e Dostoievsky.

Um dia inteiro no Ermitage, o Palácio de Inverno, é pouco, mas é uma experiência única. Esta é a obra-prima do arquitecto Rastrelli, entre o barroco tardio e o neoclássico, lugar onde a família imperial passava o período de Novembro a Março. No tempo de Alexandre II, duzentas pessoas tinham a seu cargo o aquecimento destes edifícios descomunais. E está ainda presente

a recordação da derradeira reunião do governo de Kerenski e dos estragos causados pelo cruzador *Aurora*, em Outubro de 1917. Aqui está o fundamental da arte europeia: Leonardo, Rafael, Caravaggio, Belotto, Velázquez, a maior coleção de Rembrandt, até Cézanne, Picasso e Matisse. *O Filho Pródigo*, de Rembrandt, é hoje rodeado de especial curiosidade do público, em virtude da célebre meditação do padre Henri J. M. Nouwen (1932-1996), segundo a qual «a história do filho pródigo aos olhos da fé converte-se no regresso do Filho de Deus, que reúne todos em Si mesmo e condu-los à casa do Pai celestial. Como diz Paulo: ‘Porque agradou a Deus que residisse n’Ele toda a plenitude e por Ele fossem reconciliadas todas as coisas, pacificando, pelo sangue da Sua Cruz, tanto as da Terra como as dos Céus’ (Co., 1, 19-20)».

*

Quatro horas, com tempo bom mas frio, numa estrada ladeada de choupos, bétulas e abetos, antigas casas de madeira com precárias instalações da sauna russa, foram necessárias para chegarmos a Novgorod, a cidade histórica do século X, matriz da cultura russa, com o Kremlin medieval de muralha oval, o Museu de História e Arquitectura, os templos da Intercessão da Virgem e de Santo André e a imponente catedral bizantina de Santa Sofia, o mais antigo templo cristão da Rússia. Sentimos o confronto, o contraste e a ligação entre o Oriente e o Ocidente, porque a cidade se manteve livre num território dominado pela Horda de Ouro. Foi daqui que o príncipe viking Rurik partiu para sul, no sentido de Kiev, para assegurar a ligação entre o mar do Norte e o Sul, pelo Neva, lago Ladoga, Volkhov, lago Ilmen, Dniepr, Mar Negro, Volga e mar Cáspio. Esta decisão viria, aliás, a deslocar o eixo de gravidade para a actual capital da Ucrânia, mais perto de Bizâncio. É para recordar essa decisão que foi erigido em 1862, em Novgorod, o Memorial do Milénio da Rússia, segundo projecto de Mikhail Mikechine, onde estão as principais referências da história do império, desde Rurik ou do príncipe Vladimir (mas não Ivan, *o Terrível*), até Alexandre Nevski e Pedro, *o Grande*, passando por alguns dos mais importantes artistas e poetas.

Ainda que, na passagem do primeiro milénio da nossa era, Novgorod tenha hesitado em manter-se fiel à Igreja Católica de Roma, seguiu o caminho bizantino. Na organização de Santa Sofia, pontificam S. Constantino e sua mãe Santa Helena, há tribunas para os príncipes, à semelhança de Constantinopla, uma rica iconóstase com belíssimas imagens, desde os patriarcas e profetas até aos santos locais, sob a bênção de Cristo Pantocrator e da Virgem do Sinal, cujo ícone do século XII salvou, segundo a tradição, a cidade de arremetidas inimigas. Novgorod fala do passado. Os templos, o museu da arquitectura da madeira, as constantes referências históricas chamam-nos para a «ideia russa».

*

Regressados à cidade do Neva, usufruímos ainda da arquitectura de Rastrelli, no Palácio de Pedro (Peterhof), junto do mar Báltico, onde os jardins são absolutamente espectaculares, com labirintos, quiosques, fontes, levadas e repuxos e o palácio neoclássico, reconstruído por Catarina II, nos reserva ainda o mais inesperado dos requintes. As impressões finais apenas reforçam o carácter da cidade — a catedral de Kazan replica S. Pedro de Roma e a Madeleine de Paris; o santuário de Santo Alexandre Nevski ressuma o espírito ortodoxo; a Kunst Kamera de Pedro, *o Grande*, com o observatório astronómico e os museus antropológico e das curiosidades, demonstra uma antiga intenção modernizadora. Deixamos S. Petersburgo, com sol e um tremendo engarrafamento em Nevski Prospect, e passamos pelo palácio dos Stroganov, sempre de Rastrelli, e não podemos deixar de lembrar, não o cozinheiro que inventou os bifinhos para satisfazer um conde com problemas de dentição, mas uma portuguesa de fibra — a condessa Juliana Luísa de Oyenhausen (1782-1864), filha da Marquesa de Alorna, que casou em 1828 com Grigory Stroganov e viveu nesta cidade fantástica, de que agora nos despedíamos.

Setembro de 2008